

RHYS BOWEN

MAIS DE 6 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

«Brilhante e muito mais do que um policial.
Combina uma história de amor, comentários sociais,
humor e perigo. E é maravilhoso.»

LOUISE PENNY



A
ESPIA REAL

TOP
SEL
LER

Capítulo Um

Castelo de Rannoch
Perthshire
Escócia
Abril de 1932

Existem duas desvantagens em fazer parte da pequena nobreza.

A primeira é esperar-se que a pessoa se comporte como convém a um membro da família reinante, sem que disponha de meios para o fazer. É esperado que beijemos criancinhas, que organizemos festas de beneficência, que marquemos presença em Balmoral (com o conveniente *kilt*) e seguremos a cauda do vestido de noiva nos casamentos. Ter um emprego normal não é encarado com bons olhos. Por exemplo, trabalhar no departamento de cosmética do Harrods está fora de questão, como não tardei a descobrir.

Atrever-me a sublinhar esta injustiça remete-me para o segundo ponto da minha lista. Ao que parece, o único destino aceitável para uma jovem pertencente à Casa de Windsor é ingressar pela via marital numa das outras casas reais que parecem continuar a grassar pela Europa, ainda que o número de monarcas reinantes seja presentemente bastante escasso. Tudo indica que

até uma Windsor de somenos importância como eu é algo cobiçável para quem deseja uma aliança fortuita com a Grã-Bretanha, nestes tempos de incerteza. Sou constantemente lembrada sobre o meu dever de celebrar um bom enlace com algum elemento da realeza europeia completamente horrível, de dentes proeminentes e queixo retraído, meio lunático e debilitado, implementando assim laços com um potencial inimigo. Foi esse o destino da minha prima Alex, coitada.

Porém, será melhor eu fazer a minha apresentação antes de me aventurar a ir mais longe. Chamo-me Victoria Georgiana Charlotte Eugenie, e sou filha do duque de Glen Garry e Rannoch. Os amigos tratam-me por Georgie. A minha avó era a menos atraente das filhas da Rainha Vitória, o que implicava que lhe estava vedado o ensejo de arrebatar um Romanov ou um *Kaiser*, algo que me deixa eternamente grata e, suponho, a ela também. Em vez disso, foi despachada para um enfadonho barão escocês, a quem aliciaram com um ducado para a arrebatar à alçada da rainha-mãe. Em devido tempo, ela produziu zelosamente o meu pai, o segundo duque, antes de sucumbir à categoria de doenças causadas pela consanguinidade e por demasiadas correntes de ar. Não cheguei a conhecê-la. Do mesmo modo, jamais me cruzei com o meu temível avô escocês, ainda que vários criados asseverem que o espírito dele deambula pelas muralhas do Castelo de Rannoch a tocar gaita de foles (o que é estranho em si mesmo, tendo em conta que ele nunca soube tocar gaita de foles em vida). Quando nasci, no Castelo de Rannoch, a casa de família cujo desconforto ultrapassa até o de Balmoral, o meu pai tinha-se tornado o segundo duque e andava ocupado a desbaratar a fortuna da família.

Por outro lado, ele cumprira o seu dever e desposara a filha de um conde inglês terrivelmente correto. Ela dera à luz o meu irmão, espriara o olhar pelas paisagens lúgubres das suas Terras Altas e finara-se em menos de um fósforo. Então, com um herdeiro já garantido, o meu pai fez algo inimaginável, casando com

uma atriz — a minha mãe. Jovens como o seu tio Bertie, mais tarde o Rei Eduardo VII, estavam autorizados, e eram até aliciados, a namoriscarem com atrizes, mas jamais a desposarem-nas. No entanto, sendo a minha mãe uma seguidora da Igreja Anglicana e oriunda de uma família respeitável, ainda que humilde, numa época em que as nuvens ameaçadoras da Grande Guerra pairavam sobre a Europa, o casamento foi aceite. A mãe foi apresentada à Rainha Maria, a qual a considerou notavelmente civilizada para alguém oriundo de Essex.

Este casamento não durou, no entanto. Até pessoas com menos vivacidade e gosto pela vida do que a minha mãe não iriam suportar muito tempo o Castelo de Rannoch. O efeito do gemido do vento a trespassar as chaminés enormes, conjugado com o papel de parede em xadrez na casa de banho, gerava uma depressão praticamente instantânea, ou a insanidade. Na realidade, é espantoso que ela se tenha deixado ficar tanto tempo. Acho que, a princípio, a ideia de ser duquesa a seduzia. Só depois de descobrir que estar casada com um duque significava passar metade do ano na Escócia é que ela decidiu procurar rapidamente novos horizontes. Na altura, eu tinha 2 anos. Ela deu a sua primeira escapadela com um jogador de polo argentino. E muitas mais escapadelas se seguiram, é claro. O piloto de corridas francês, que morreu de forma tão trágica em Monte Carlo, o produtor de filmes americano, o explorador destemido e, mais recentemente, segundo julgo saber, um industrial alemão. Vejo-a de tempos a tempos, quando ela dá um salto a Londres. De cada vez, há mais maquilhagem e chapéus mais luxuosos e extravagantes, enquanto ela se esforça desesperadamente por conservar aquele ar jovem que levava os homens a disputá-la ferozmente. Beijamo-nos, face contra face, e conversamos sobre o tempo, as roupas e as minhas perspetivas quanto ao casamento. É como tomar chá com uma desconhecida.

Por sorte, tive uma ama adorável, o que evitou que o meu crescimento no Castelo de Rannoch, ainda que solitário, fosse

demasiado terrível. Havia ocasiões em que me despachavam para junto da minha mãe para passar temporadas na sua companhia, quando ela estava casada com alguém recomendável, em algum lugar saudável do mundo; contudo, a minha mãe não tinha uma vocação genuína para a maternidade e raramente se fixava muito tempo no mesmo sítio, pelo que o Castelo de Rannoch se tornou o meu porto de abrigo, algo familiar e seguro, mesmo com o seu ambiente sombrio e desolador. O meu meio-irmão, Hamish (a quem tratavam por Binky, habitualmente), foi enviado para um colégio interno daqueles em que os duches de água fria e as corridas de madrugada constituem a regra, com o intuito de moldar os futuros líderes do império, pelo que também mal o conheci. E o mesmo aconteceu com o meu pai, na verdade. Em sequência à tão badalada fuga da minha mãe, ele, de certo modo, perdeu o seu espírito, começando a deambular pelos bares da Europa, e perdendo cada vez mais dinheiro nas mesas de jogo de Nice e de Monte Carlo, até se dar a famigerada queda da Bolsa em 1929. Ao constatar que perdera o que lhe restava da sua fortuna, dirigiu-se para as turfeiras e matou-se com a sua espingarda de caça, embora a forma como o conseguiu fazer tivesse sempre suscitado especulações, já que o meu pai nunca fora senhor de grande pontaria.

Lembro-me de tentar viver algum sentimento de perda quando me deram a notícia na Suíça. Na minha cabeça, a imagem dele aparecia-me de uma forma muito vaga. Sentia a falta da noção do que era ter um pai, de saber que ele estava ali para me apoiar e aconselhar quando era realmente preciso. Tornava-se chocante sentir que, aos 19 anos, eu vivia praticamente por minha conta.

E, assim, o Binky, tornou-se o terceiro duque, casou-se com uma jovem enfadonha de linhagem perfeita e herdou o Castelo de Rannoch. Entretanto, eu tinha sido enviada para a Suíça, para terminar os meus estudos, passando ali um tempo delicioso na companhia das filhas rebeldes dos ricos e famosos. Aprendemos a falar um francês aceitável e pouco mais, além de a organizar

jantares, tocar piano e andar de forma elegante. As atividades extracurriculares incluíam fumar atrás da arrecadação do jardineiro e escalar o muro para irmos confraternizar com os instrutores de esqui na estalagem local.

Afortunadamente, alguns dos membros mais abastados da família contribuíram para a minha educação e possibilitaram-me ficar ali até eu ser apresentada à corte e ter a minha temporada social. Para quem o desconheça, toda a jovem de boas famílias tem a sua temporada social — uma série de bailes, festas e outros eventos sociais, durante os quais ela debuta na sociedade e é apresentada à corte. É uma maneira de anunciar delicadamente: «Aqui está ela, amigos. Agora, por amor de Deus, alguém que case com ela e a leve daqui.»

Na realidade, «temporada social» é um termo demasiado solene para um conjunto de festas deploráveis, que culminam num baile no Castelo de Rannoch, durante a época da caça aos lagópodes, em que os jovens vêm disparar uns tiros, chegando à noite demasiado cansados para darem dois passos de dança. De qualquer forma, são poucos aqueles que dominam as danças das Terras Altas incluídas no programa do Castelo de Rannoch, sendo que as gaitas de foles a ressoar de madrugada a partir da torre norte levam vários jovens a constatar que têm compromissos importantes em Londres, os quais não podem esperar. Escusado será dizer que nenhuma proposta conveniente surgiu, pelo que, aos 21 anos de idade, eu encontrava-me presa ao Castelo de Rannoch, sem qualquer ideia sobre o que iria fazer o resto da minha vida.

Capítulo Dois

Castelo de Rannoch

Segunda-feira, 18 de abril de 1932

Pergunto-me quantas pessoas viveram experiências que mudaram as suas vidas enquanto estavam sentadas numa casa de banho. É preciso dizer que as casas de banho do Castelo de Rannoch nada têm que ver com os pequenos cubículos que existem nas habitações comuns. Pelo contrário, são espaços amplos e cavernosos, de tetos altos e papel de parede em xadrez, com canalizações que chiam, gemem e chocalham, e são a causa conhecida de mais de um ataque de coração, bem como de surtos de loucura súbitos que levaram um dos hóspedes a lançar-se da janela aberta do compartimento para as turfeiras. Devo acrescentar que as janelas estão permanentemente abertas. É uma tradição do Castelo de Rannoch.

O Castelo de Rannoch não é o sítio mais encantador, nem nos seus melhores dias. Está implantado sob um despenhadeiro negro e impressionante, com vista para um lago de águas turvas, e protegido do mais temeroso vendaval por uma mancha florestal de pinheiros escura e soturna. Até Wordsworth, o poeta que aqui se hospedou durante as suas deambulações, nada conseguira

escrever sobre ele, salvo um par de versos garatuçados numa folha encontrada no cesto dos papéis.

*Das alturas medonhas ao lago sombrio que ali jaz
A todos quantos chegarem deixem as esperanças para trás*

E este não era o melhor dos dias. Estávamos em abril e o resto do mundo enchia-se de narcisos amarelos, árvores em flor e chapéus de Páscoa. No Castelo de Rannoch, a neve caía — não aquela encantadora neve em pó que temos na Suíça, mas flocos de neve aquosos, pesados e lamacentos que se agarram à roupa e nos regelam em menos de segundos. Eu não saía há vários dias. O meu irmão, Binky, depois da formatação a que fora sujeito no colégio, insistia em dar os seus passeios matinais em volta da propriedade, voltando para casa com o aspeto do abominável homem das neves, o que levava o seu filho Hector, tratado afetuosamente por Podge, a fugir aos gritos, chamando pela ama.

Aquele era o género de tempo propício a aninharmo-nos ao pé de um fogo crepitante, na companhia de um bom livro. Infelizmente, a minha cunhada, Hilda, a quem tratavam por Fig, queria fazer economias, e apenas permitia um toro a arder na lareira de cada vez. Aquela poupança não fazia qualquer sentido, conforme eu fizera questão de dizer várias vezes. Havia árvores a tombar pela força dos ventos a um ritmo diário. Contudo, a Fig tinha uma ideia fixa em relação a poupanças. A vida era difícil em todo o lado e nós tínhamos de dar um bom exemplo às classes inferiores. Este exemplo incluía papas de aveia ao pequeno-almoço em vez de ovos com bacon, chegando até uma noite a serem servidos feijões cozidos enlatados como digestivo no final do jantar. «A vida é um tédio», registei no meu diário. Nestes dias, eu passava muito tempo a escrever no diário. Sabia que devia fazer alguma coisa. Ansiava por isso; porém, como a minha cunhada me lembrava constantemente, um membro da família

real, mesmo de categoria inferior, tinha o dever de não deixar ficar mal a sua família. O olhar dela implicava que eu era capaz de engravidar ou de dançar nua na relva se fosse para Woolworths sem um *chaperon*. Ao que parecia, o meu dever era esperar até descobrirem um candidato à minha medida. A ideia não me deixava muito feliz.

É impossível saber quanto tempo iria eu aguardar pacientemente por aquilo a que estava condenada se, numa tarde de abril, não estivesse sentada na sanita a tentar evitar ao máximo a torrente de neve que me fustigava, contando com a proteção de um exemplar da revista *Horse & Hound*. Por cima do fragor do vento, comecei a distinguir o som de vozes. Devido à natureza excêntrica da canalização do Castelo de Rannoch, instalada muitos séculos depois da edificação do castelo, tornava-se possível ouvir conversas que emanavam de pisos mais abaixo. É provável que o fenómeno contribuísse para as alucinações e ataques de loucura que atingiam até os nossos hóspedes mais sensatos. Eu cresci habituada àquilo, tirando partido do fenómeno para me inteirar de factos que não eram destinados aos meus ouvidos. Todavia, para um estranho perdido em cogitações na sua sanita, com o seu olhar horrorizado a oscilar entre as fragas sombrias no exterior da janela e o papel de parede em xadrez no interior, os ecos de vozes cavas a detonar na canalização eram suficientes para suscitar um qualquer ato tresloucado.

— A rainha quer que nós façamos o quê? — Isto bastou para me deixar em alerta e atenta à conversa. As bisbilhotices a propósito dos nossos parentes reais sempre me tinham fascinado, e a Fig falava num tom escandalizado e estridente, o que não era nada o género dela.

— É apenas durante um *weekend*, Fig.

— Binky, como eu desejava que esses horrorosos americanismos vulgares não se imiscuíssem nas nossas conversas. Mais um pouco e estás a ensinar o Podge a dizer *mirror* em vez de *looking glass* e *serviette* em vez de *napkin*.

— Deus me livre, Fig. Só que, na verdade, a palavra *weekend* parece resumir tudo muito bem, não achas? Quero dizer, que outras palavras temos nós para sexta-feira, sábado e domingo?

— Isso implica que nós somos escravos de uma semana de trabalho, o que não é o caso. Mas não tentes mudar de assunto. Eu considero que se trata de um tremendo descaramento da parte de S. M.

— Ela está apenas a tentar ajudar. Algo tem de ser feito pela Georgie.

Neste momento, fiquei em alerta total.

— Eu também acho que ela não pode andar por aqui a arrastar-se pelos cantos e a fazer palavras cruzadas. — A voz aguda da Fig ressoava num tom alarmista, deixando um dos canos a vibrar. — Embora, por outro lado, ela pudesse ter algum préstimo em relação ao pequeno Podge. Dessa forma, evitávamos ter de contratar uma preceptora até ele ir para a escola preparatória. Partindo do princípio de que lhe terão ensinado alguma coisa naquele colégio ridiculamente caro na Suíça.

— Não podes usar a minha irmã como uma preceptora não remunerada, Fig.

— Nestes tempos, todos têm de fazer pela vida, Binky, e, bem vistas as coisas, ela não está a fazer mais nada, pois não?

— O que esperavas tu que ela fizesse? Que estivesse a aviar cervejas na taberna da aldeia?

— Não sejas ridículo. Eu desejo tanto como tu ver a tua irmã encaminhada. Agora, sugerirem-me que convide um príncipe a vir aqui a pretexto de uma festa, na esperança de o conseguir impingir à Georgiana... na verdade, isso é ir longe demais, mesmo que se trate de S. M.

Neste momento, eu tinha o ouvido literalmente colado à canalização. O único príncipe que me vinha à ideia era o meu primo David, o príncipe de Gales. Era um bom partido, sem dúvida, que eu não iria recusar de forma alguma. É verdade que ele me levava uns bons anos de avanço, além de ser mais baixo do que eu, mas

era uma pessoa espirituosa e um esplêndido dançarino. E simpático, ainda por cima. Eu estaria até disposta a usar sapatos rasos para o resto da minha vida.

— Na minha opinião, é um investimento avultado que vai ser desperdiçado numa causa perdida. — De novo, a voz estridente da Fig.

— Eu não chamaria à Georgie uma causa perdida. Ela é uma jovem deslumbrante. Talvez um pouco alta para a média dos indivíduos, e ainda um tudo-nada desajeitada, mas saudável, com bom físico e nada estúpida. Bastante mais inteligente do que eu, verdade seja dita. Vai dar uma ótima esposa para a pessoa certa.

— Até agora, ela rejeitou todos os candidatos que lhe arranjam. O que te leva a pensar que vai estar interessada neste Siegfried?

— O facto de ele ser um príncipe e herdeiro ao trono.

— Que trono? O último rei foi assassinado.

— Fala-se em vir a restaurar a família real num futuro próximo. O Siegfried é o próximo na linha de sucessão.

— A família real não irá durar o tempo suficiente para ele subir ao trono. Vão ser todos assassinados mais uma vez.

— O assunto fica por aqui, Fig. E também não precisamos de o referir à Georgie. Sua Majestade fez o pedido e ninguém se escusa a atender um pedido de S. M. É uma simples festa aqui em casa, e nada mais. Para o Príncipe Siegfried e alguns dos seus companheiros ingleses. Um número suficiente de jovens que impeça a Georgie de ter alguma suspeita daquilo que estamos a planear para ela.

— Esse projeto é dispendioso, Binky. Sabes bem o quanto estes jovens gostam de beber. Nesta altura do ano, nós nem vamos poder proporcionar-lhes um tiro ao voo. Ou uma caçada, sequer. Como iremos mantê-los entretidos o dia inteiro? Não me parece que esse Siegfried esteja disposto a andar a escalar montanhas.

— Eu hei de resolver o assunto de alguma maneira. Afinal, sou o chefe da família. Cabe-me a responsabilidade de ver a minha irmã orientada.

— Ela é tua meia-irmã. Deixa que seja a mãe dela a arranjar-lhe alguém. Nós sabemos a coleção de namorados que ela já teve, e milionários na sua maioria.

— Agora estás a ser velhaca, Fig. Faz o favor de responder a S. M. dizendo-lhe que teremos todo o gosto em organizar a festa aqui em casa num futuro próximo.

As vozes dos dois fluíram para mais longe, saindo do meu alcance. Mantive-me junto à janela da casa de banho, indiferente à neve que continuava a atingir-me. O Príncipe Siegfried da Roménia seria a última pessoa que me viria à ideia. Tinha-o conhecido durante a minha estadia em Les Oiseaux, o colégio de etiqueta e boas maneiras que frequentara na Suíça. Tinha um ar carrancudo, de olhos esbugalhados, um aperto de mão frouxo e uma expressão que sugeria sentir permanentemente um mau cheiro sob o nariz. Ao ser-me apresentado, ele tinha batido com os tacões, balbuciando um «*Enchanté*». A forma como pronunciou a palavra fez-me sentir que seria a mim que estava a ser concedida a honra e não o inverso. Não me parecia que ele fosse sentir algum encanto adicional ao voltar a ver-me.

— Chegou a altura de agir! — gritei para a tempestade. Eu já não era menor de idade. Podia ir onde quer que quisesse sem um *chaperon*, tomar as minhas próprias decisões e escolher a minha própria vida. Não era propriamente uma herdeira ou uma suplente. Ocupava apenas o trigésimo quarto lugar na linha de sucessão ao trono. O mero facto de ser mulher impedir-me-ia de herdar o ducado ou o Castelo de Rannoch, mesmo se o Binky não tivesse gerado um filho. Recusava-me a ficar parada um minuto mais à espera de que o futuro viesse ao meu encontro. Ia sair em direção ao mundo e escolher o meu próprio destino.

Bati com a porta da casa de banho e percorri rapidamente o corredor em direção ao meu quarto, onde dei de caras com a minha criada pessoal a pendurar blusas acabadas de engomar.

— Maggie, podes ir buscar a minha mala de viagem ao sótão, por favor? — pedi-lhe. — E arruma lá roupas próprias para a cidade. Vou para Londres.

Aguardei pelo momento em que o Binky e a Fig estavam a tomar chá para fazer a minha entrada esvoaçante no salão. A bem da verdade, não era difícil esvoaçar em qualquer direção no Castelo de Rannoch, já que havia uma ventania ululante a devassar os corredores e a deixar as tapeçarias num bailado constante. O Binky estava de pé, com as costas viradas para a lareira, impedindo assim o calor do único toro de atingir qualquer ponto da sala. O nariz da Fig estava suficientemente azul para condizer com o sangue dela, e eu apercebi-me de que ela aninhava o bule de chá nas mãos, em lugar de deixar que fosse a Ferguson, a criada de sala, a servi-lo.

— Ah, Georgie, aí estás tu — saudou-me o Binky afetuosamente. — Tiveste um bom dia? Lá fora, está um pandemónio. Não foste dar uma volta a cavalo, pois não?

— Não ia ter essa crueldade para com o meu cavalo — respondi-lhe. Levantei a tampa de prata de um dos pratos. — Torradas — proferi, desapontada. — Já vi que não temos panquecas.

— Economia, Georgiana — sublinhou a Fig. — Não podemos comer panquecas se o resto de mundo não tiver meios para as ter. Não seria justo. Deus sabe que nós próprios não iremos poder comê-las muito mais tempo. E, se não tivéssemos as nossas vacas leiteiras, teríamos de nos contentar com margarina.

Reparei que ela espalhava na sua torrada uma quantidade generosa de compota de cássis oriunda da luxuosa Fortnum, mas o bom senso coibiu-me de fazer algum comentário. Em vez disso, esperei que ela lhe desse uma dentada, antes de falar.

— Vou dar uma saltada a Londres só por uns dias, se estiverem de acordo — informei.

— A Londres? Quando? — inquiriu a Fig, virando-se para mim com uma expressão irada nos seus olhinhos argutos.

— Estava a pensar em ir amanhã. Se não ficarmos soterrados por um nevão.

— Amanhã? — repetiu o Binky. — É uma ideia bastante repentina, não achas?

— Sim, porque não nos falaste disso antes? — insistiu a Fig.

— Eu própria só soube disto hoje — expliquei-lhes, enquanto me concentrava a barrar uma torrada com manteiga. — Uma das minhas amigas mais queridas do colégio vai casar e pediu-me que a ajudasse nos preparativos do casamento. E, como eu não estou a fazer nada de útil aqui, pensei que devia atender a esse pedido de socorro. O Baxter pode ir levar-me à estação no carro, não é verdade?

Tinha inventado esta história enquanto descia as escadas. Sentia-me bastante orgulhosa.

— Isto é bastante inconveniente, Georgie — afirmou o Binky.

— Inconveniente? Porquê? — repliquei, dirigindo-lhe um olhar inocente.

— Bom, sabes, o que se passa é que... — Ele virou-se para a Fig, a tentar inspirar-se, e depois prosseguiu. — Estávamos a pensar organizar uma pequena festa aqui em casa. Convidar alguns jovens para confraternizarem contigo. Achamos que deve ser uma maçada estares aqui fechada com um casal de velhos como nós, sem poderes dançar ou divertir-te.

Dirigi-me a ele e dei-lhe um beijo na face.

— És um querido, Binky, em preocupares-te com a tua irmã. Mas eu jamais permitiria que gastasses assim dinheiro comigo. Eu não sou uma criança e sei que estás a passar por uma altura difícil em termos de dinheiro, além de teres sido obrigado a pagar aqueles horrorosos impostos sucessórios sobre a propriedade.

Eu tinha consciência de que o Binky se debatia com uma indecisão absolutamente angustiante. Ele sabia que Sua Majestade esperava que o seu pedido fosse atendido, e agora eu preparava-me para desertar. O Binky não podia dizer-me a razão pela qual

ele queria que eu ficasse porque era para ser um segredo. Há muito tempo que eu não vivia uma situação tão divertida.

— Portanto, tu não tens de te preocupar comigo — disse-lhe. — Vou estar rodeada de gente jovem em Londres, ajudar uma amiga e fazer andar a minha vida para a frente. Posso usar a Rannoch House como base?

Não me passou despercebida a rápida troca de olhares entre a Fig e o Binky.

— A Rannoch House? — inquiriu a minha cunhada. — Queres abrir a Rannoch House só para ti?

— Não se trata de a abrir, propriamente — argumentei. — Ia apenas usar o meu quarto.

— Não podemos dispensar uma criada para te acompanhar — frisou a Fig. — Neste momento, estamos reduzidos ao mínimo dos mínimos. O Binky mal conseguiu reunir o número suficiente de batedores para a última caçada. E a Maggie jamais abandonaria a sua mãe inválida para ir para Londres contigo.

— Não há problema — declarei. — Eu não quero levar uma criada comigo. Nem sequer tenciono ligar o aquecimento central.

— Mas se vais ajudar essa rapariga a preparar o casamento, porque não ficas em casa dela? — lembrou a Fig.

— Isso até pode vir a acontecer. Só que ela ainda não regressou do continente.

— Ah, essa rapariga é uma continental? Ela não é inglesa? — A Fig fazia um ar horrorizado.

— Nós não somos ingleses — disse eu. — Pelo menos eu e o Binky não somos. Somos escoceses em parte, com uma mistura razoável de sangue alemão.

— Nesse caso, deixa-me corrigir para britânicos. Vocês foram educados para serem britânicos. É aí que reside a grande diferença. Essa rapariga é estrangeira, é isso?

Eu estava desejosa de inventar uma condessa russa misteriosa, mas estava demasiado frio para o meu cérebro reagir rapidamente.

— Ela esteve a viver no estrangeiro — expliquei. — Por questões de saúde. É uma rapariga bastante delicada.

— Nesse caso, pergunto-me porque quererá um desgraçado casar com ela — disse o Binky entusiasticamente. — Parece que ela não vai ter grandes hipóteses para lhe gerar um herdeiro.

— Ele ama-a, Binky — afirmei eu, precipitando-me a defender a minha heroína fictícia. — Há pessoas que casam por amor, sabias?

— Sim, mas não na nossa classe — retorquiu o Binky, descontraidamente. — Nós cumprimos o nosso dever. Casamos com alguém que seja compatível.

— Eu gosto de pensar que algum amor pode acabar por chegar com o tempo, Binky — declarou a Fig num tom gélido.

— Se se tiver essa sorte, Fig. Como foi o nosso caso.

Ele não era tão estúpido como parecia, concluí. Não era um homem astuto, antes uma pessoa com necessidades básicas e prazeres simples, mas absolutamente nada estúpido.

A Fig acabou até por esboçar um sorriso.

— Precisas que te tragam a tiara do cofre? — indagou ela, passando agora a questões práticas.

— Não me parece que as tiaras se enquadrem bem neste género de casamento — disse eu.

— Então não vai ser na igreja de Santa Margarida?

— Não, vai ser uma cerimónia simples. Eu disse-vos que a noiva era uma pessoa delicada.

— Nesse caso, não percebo para que precisa ela de ajuda na preparação. Qualquer pessoa seria capaz de organizar um casamento simples. — A Fig deu outra grande dentada na torrada barrada com compota.

— Fig, ela pediu-me ajuda e eu vou ajudá-la — retorqui. — Aqui, só estou a atrapalhar, e quem sabe se eu não acabo até por conhecer alguém em Londres.

— Mas como te vais arranjar em relação às criadas?

— Contrato uma rapariga de lá que possa dar-me uma ajuda.

— Certifica-te das referências dela com todo o cuidado — advertiu a Fig. — Essas raparigas de Londres não são de confiança. E mantém as pratas fechadas à chave.

— Não me parece que vá precisar das pratas — refutei. — Vou usar a casa apenas por pouco tempo.

— Bom, suponho que, se tens de ir, não há outro remédio. Mas nós vamos sentir terrivelmente a tua falta, não é, Binky?

O Binky ia dizer qualquer coisa, mas acabou por reconsiderar.

— Vou sentir saudades tuas, maninha — disse ele. Foi a coisa mais simpática que alguma vez me disse.



O meu olhar acompanhava a paisagem através da janela do comboio, enquanto seguíamos velozmente em direção ao Sul, vendo como o inverno se transformava gradualmente numa primavera gloriosa. Os campos estavam povoados de cordeiros recém-nascidos, enquanto os taludes se revestiam de prímulas. À medida que nos aproximávamos de Londres, o entusiasmo que eu sentia ia crescendo. Eu estava por minha conta, pela primeira vez na vida. Era a primeira vez que tomava as minhas próprias decisões, planeava o meu futuro — fazia alguma coisa. Nesse momento, eu não imaginava o que deveria fazer, mas recordei a mim própria que estávamos na década de 1930. As jovens tinham liberdade de fazer algo mais do que bordar, tocar piano e pintar com aguarelas. E Londres era uma grande cidade, a fervilhar de oportunidades para uma jovem brilhante como eu.

Quando entrei na Rannoch House, já este pico de entusiasmo se tinha desmoronado. Nas imediações de Londres, começara a chover, e, ao chegarmos à estação de King's Cross, caía um aguaceiro monumental. Uma fila de homens de aspeto deplorável aguardava a sua vez para a sopa dos pobres em Euston Road, e via-se pedintes em todas as esquinas. Ao sair do táxi e entrar em casa, dei por mim num lugar tão frio e inóspito como o Castelo

de Rannoch. A Rannoch House fica no lado norte de Belgrave Square. Na minha memória, ela surgia-me como um lugar animado e cheio de risos, com um corrúpio permanente de pessoas a sair ou a chegar dos teatros, de jantares festivos ou idas às compras. Neste momento, ela estava amortalhada por lençóis cobertos de pó, mais gelada do que uma sepultura, e vazia. Pouco a pouco, sobreveio-me a constatação de que era a primeira vez que eu estava sozinha numa casa, em toda a minha vida. Voltei-me para olhar para a porta da rua, com um misto de temor e de excitação. Seria uma idiotice da minha parte vir sozinha a Londres? Como iria desembaraçar-me ali sozinha?

Vou sentir-me melhor depois de um belo banho e de uma chávena de chá, disse para mim própria. Subi para o meu quarto. A lareira estava vazia, sem madeira para arder. Aquilo de que eu precisava era de uma fogueira para me elevar o espírito, mas não fazia a mínima ideia de como se acendia uma lareira. Na verdade, eu nunca tinha visto uma fogueira a ser preparada ou ateadada. Acor-dávamos com o fogo a crepitar alegremente, sem jamais darmos pela presença da criada que entrava no quarto de mansinho às seis da manhã para o preparar. A Fig estava a contar que eu contratasse uma criada para todo o serviço. Mas eu não dispunha de dinheiro para isso. Assim sendo, iria ter de aprender a fazer as coisas sozinha. Todavia, agora, não me sentia com capacidade para aprender a acender uma lareira. Estava cansada, esgotada pela viagem e com frio. Dirigi-me à casa de banho e pus a água a correr para o banho. Apenas quando a água já atingia uns 15 centímetros de altura é que me apercebi de que ambas as torneiras deitavam água fria. A caldeira devia estar desligada, obviamente, e eu não fazia ideia do aspeto que teria uma caldeira ou de como a pôr a funcionar. Começava a questionar seriamente a loucura da minha vinda tão precipitada. Se tivesse esperado e planeado tudo melhor, teria certamente recebido o convite de alguém que vivesse numa casa quente e confortável, com criadas para me prepararem o banho e me servirem um chá.

Mergulhada em ondas de melancolia, voltei a descer as escadas e enchi-me de coragem para transpor a porta que seguia para a cave, onde ficava a zona de criadação. Lembrava-me de ir para lá, quando era criança, e ficar sentada num banco, enquanto a Sr.^a McPherson, a nossa cozinheira, me deixava rapar a tijela do bolo ou recortar bolachas em forma do homem de gengibre. A grande cozinha, meio-subterrânea, estava imaculada, fria e vazia. Descobri uma chaleira e até uma acendalha e uma torcida de papel para acender o gás. Toda orgulhosa de mim própria, pus água a ferver. Encontrei até uma latinha de chá. E, claro, foi nesse momento que constatei que não havia leite, nem seria possível arranjá-lo, salvo se contactasse o leiteiro. O leite era deixado junto à porta. Isso, eu sabia. Empreendi uma busca à despensa e descobri um frasco de *Bovril*. Então, optei por dissolver *Bovril* numa chávena de água quente, juntei-lhe umas bolachas de água e sal e fui-me deitar. «Amanhã, as coisas só podem melhorar», anotei no meu diário. «Dei os primeiros passos numa aventura nova e empolgante. Pelo menos, librei-me da família pela primeira vez na minha vida.»

Capítulo Três

Rannoch House

Belgrave Square

Londres

Sexta-feira, 22 de abril de 1932

Nem o membro mais insignificante da família real deve deslocar-se ao Palácio de Buckingham a pé. A forma correta de ali chegar é, no mínimo, de *Rolls-Royce*, ou, na pior das hipóteses, de *Bentley* ou de *Daimler*. O cenário ideal seria uma carruagem real puxada por uma parelha de cavalos perfeitamente sincronizada, se bem que muito poucos entre nós se possam dar ao luxo de possuir uma carruagem nestes dias. A visão de uma pessoa do sexo feminino a cruzar furtivamente o pátio de entrada a pé levaria certamente a minha estimada parente por afinidade, Sua Alteza Real e Imperatriz da Índia, a Rainha Maria, a erguer uma sobranceira. Bom, talvez ela não erguesse verdadeiramente uma sobranceira, já que as personalidades de sangue real são treinadas a não reagir, mesmo à maior das impropriedades. Se, num qualquer ponto remoto das colónias, um nativo arrancar a tanga e começar a dançar, balançando o seu dito-cujo com uma despreocupação radiosa, nem o mais leve trejeito de uma sobranceira

seria permitido. A única reação apropriada seria um aplauso cortês quando a dança terminasse.

Este género de controlo é-nos inculcado reiteradamente desde tenra idade, muito à semelhança de quem treina um cão de caça a não reagir a um tiro disparado a curto alcance, ou um cavalo da polícia a um movimento precipitado da multidão. A menina MacAlister, a preceptora que precedeu o meu colégio de etiqueta e boas maneiras na Suíça, costumava entoar aos meus ouvidos, como se fosse uma litania: «Uma *lady* controla-se sempre. Uma *lady* controla sempre as suas emoções. Uma *lady* controla sempre a sua expressão. Uma *lady* controla sempre o seu corpo.» E, de facto, diz-se por aí que algumas personalidades reais conseguem evitar utilizar casas de banho desconhecidas dias a fio. Eu não seria grosseira ao ponto de denunciar quem são as personalidades reais capazes desse feito.

Felizmente, existem outras formas de aceder ao Palácio de Buckingham, preferíveis a enfrentar aqueles portões impressionantes de florões dourados, para depois atravessar a grande extensão do pátio interior, sob o olhar vigilante daqueles guardas absurdamente altos, revestidos de pelo de urso, e, provavelmente, de Sua Majestade em pessoa. Se se contornar o palácio para a esquerda, em direção à estação Victoria, é possível entrar através do Ambassador's Court e da entrada para os visitantes. Mais desejável ainda, é caminhar ao longo do alto muro de tijolos que ladeia essa rua, até encontrar uma porta preta e discreta ali embutida. Julgo que era utilizada pelo tio do meu pai, Bertie, que gozou de um reinado curto, mas feliz, como Rei Eduardo VII, quando desejava visitar as menos recomendáveis das suas amigas. Espero que o meu primo David, o atual príncipe de Gales, faça uso dela de tempos a tempos, quando está em casa dos pais. Hoje, eu ia certamente utilizá-la.

Devo dizer que eu não tenho por hábito visitar o palácio por iniciativa própria. Não se aparece assim para tomar um chá e ter dois dedos de conversa, mesmo tratando-se de familiares.

Recebi uma convocação dois dias depois de chegar a Londres. A minha estimada parente, a rainha, possuía uma das melhores redes secretas de informação do país. Não me parecia que a Fig a tivesse contactado, mas ela tinha descoberto, de alguma maneira. Chegara uma carta com o timbre do palácio, da parte do secretário particular de Sua Majestade, Sir Giles Ponsonby-Smythe, referindo que Sua Majestade ficaria encantada se eu fosse tomar chá com ela. Esse era o motivo que me levava a esgueirar-me por Buckingham Palace Road acima numa tarde de sexta-feira. Nunca se diz não a S. M.

É claro que eu estava mais do que curiosa em relação ao motivo daquele convite. De facto, já me tinha ocorrido que S. M. poderia convidar-me para tomar chá, e depois faria aparecer o Príncipe Siegfried e um oportuno arcebispo da Cantuária para celebrar a cerimónia do casamento ali mesmo. Na verdade, eu sentia-me como supunha que Ana Bolena se deveria ter sentido quando Henrique VIII a convidara para tomar uma caneca de cerveja e a não vestir nada que lhe tapasse o pescoço.

Não me recordava de ver os meus ilustres parentes desde a minha apresentação como debutante — uma ocasião que vai ser difícil eu esquecer, e estou certa de que eles também. Eu pertença àquele grupo de pessoas cujos membros nem sempre lhes obedecem em alturas cruciais. O meu vestido, com a sua longa cauda, já para não referir as três penas de avestruz ridiculamente grandes a oscilar de um ornamento do cabelo, era uma receita para o desastre. Eu entrara na sala do trono a seguir à minha deixa, a enunciação do meu nome por uma voz tonitruante, «Lady Victoria Georgiana Charlotte Eugenie de Glen Garry e Rannoch!», e executara a vénia perfeita, tal como a praticara um milhão de vezes na escola para debutantes. No entanto, ao tentar endireitar-me, parece que o meu salto alto ficou preso na cauda do vestido, de alguma forma. Tentei mover-me, mas estava tolhida pelo salto encravado. Dei um puxão, delicadamente, consciente do olhar real pousado em mim. Nada aconteceu. Sentia a transpiração a correr

em sulcos pelas minhas costas nuas. (Sim, eu sei que as *ladies* não suam, mas havia qualquer coisa que escorria pelas minhas costas.) Puxei com mais força. O salto soltou-se e eu fui catapultada mais para a frente da sala do trono, como se disparada de um canhão, exatamente no momento em que devia estar a recuar em relação à presença real. Até Sua Majestade pareceu ficar moderadamente atônita; porém, nada foi dito, na ocasião ou mais tarde. Pergunto-me se o assunto seria abordado à hora do chá.

Fiz uma entrada bem-sucedida, seguindo por uma galeria exígua que contornava as cozinhas do palácio, e comecei a percorrer um corredor inferior, passando ao lado de diversas oficinas domésticas, e sobressaltando criadas e lacaios ao longo da minha travessia, até chegar a vez de eu própria ser sobressaltada por uma voz horrorizada, a exclaimar:

— Ei, menina. Onde pensa que vai?

Ao virar-me, dei de caras com um homem idoso de ar austero, que se aproximava rapidamente.

— Eu não a conheço — disse-me ele, num tom acusador.

— Sou a Lady Georgiana, prima de Sua Majestade — referi.

— Estou aqui para tomar chá com Sua Majestade. Estão à minha espera.

Existem algumas vantagens em ser um membro inferior da realeza. O homem ficou vermelho como um tomate.

— As minhas desculpas, Lady Georgiana. Não compreendo como não fui informado da sua chegada. Por aqui, por favor. Sua Majestade aguarda-a na sala de estar amarela.

Ele conduziu-me a umas escadas laterais que davam para o *piano nobile*, que nada tem que ver com o instrumento musical, sendo antes o piso do palácio onde decorre a maior parte da vida da realeza. A sala de estar amarela localiza-se no canto sudeste, com as janelas viradas para The Mall, para o arco do Almirantado, e ainda para o início de Buckingham Palace Road. Uma posição estratégica excelente, na realidade. No entanto, como sala, nunca me atraiu. A maior parte do mobiliário é oriunda do Pavilhão Real,

em Brighton, pertencente a uma coleção do Rei Jorge IV, na altura em que a *chinoiserie* estava no auge da moda. Imensos dragões, cri-sântemos, e porcelana pintada com cores vivas. Eu considerava-a um pouco floreada e garrida demais para o meu gosto.

— Lady Georgiana, minha senhora — anunciou o meu amigo empregado.

Sua Majestade não se encontrava sentada à mesa junto da janela. Estava de pé e passava o seu olhar por uma das vitrinas que adornavam as paredes. Quando entrei, ela ergueu os olhos por instantes.

— Ah, Georgiana. Não dei pela tua chegada. Vieste de táxi?

— Vim a pé, minha senhora. — Devo explicar que a realeza usa «minha senhora»¹ e «*sir*», mesmo quando se trata de um parente muito chegado. Aproximei-me para depositar um beijo respeitoso na sua face, e executar uma vénia a seguir. A ordem destes dois atos exige uma sincronia perfeita. Malgrado a prática ao longo de uma vida, eu consigo sempre chocar com o nariz na face real no momento em que desfaço a vénia.

Sua Majestade endireitou-se.

— Obrigada, Soames. Chá dentro de 15 minutos.

O homem idoso recuou, fechando as portas duplas atrás de si. Sua Majestade regressara à observação do interior da vitrina.

— Diz-me, Georgiana — pediu ela —, estou correta ao pensar que o teu falecido pai tinha uma bela coleção de peças Ming? Tenho a certeza de que me lembro de falar nisso com ele.

— O meu pai colecionava muitas coisas, minha senhora, mas receio não conseguir distinguir um vaso do outro.

— É uma pena. Tens de vir ao palácio mais vezes para eu te dar algumas noções. É uma verdadeira consolação colecionar objetos tão belos.

Não lhe referi que é preciso ter dinheiro para colecionar esses objetos, e que eu não passava de uma indigente naquela altura.

¹ *Ma'am* no original. [N. T.]

A rainha mantinha ainda o seu olhar sobre a vitrina.

— O teu irmão, o atual duque, não parece ter um grande interesse por objetos de arte e antiguidades, pois não? — perguntou ela, como que por acaso. — Ele foi educado para seguir as pisadas do avô... caçar, praticar o tiro, pescar... o típico fidalgo rural.

— Isso é bem verdade, minha senhora.

— Nesse caso, será possível que uma quantidade apreciável de vasos Ming possa permanecer ainda no Castelo de Rannoch... sem ser devidamente apreciada?

Senti um ligeiríssimo tremor na voz dela e, de súbito, compreendi aonde a conversa ia levar. Ela queria lançar mão a objetos que cobiçava para a sua própria coleção. A confirmá-lo, disse, da forma mais displicente possível:

— Será que, da próxima vez que lá estiveres, podes dar uma vista de olhos? Existe um pequeno vaso exatamente igual a este que ficaria muito bem neste escaparate. E se o teu irmão não estiver verdadeiramente interessado...

Quer que eu o fane para si, tive uma vontade irresistível de dizer. Sua Majestade tinha uma paixão absoluta por antiguidades, e, se ela não fosse a Rainha de Inglaterra e Imperatriz da Índia, poderia ter sido uma das regateadoras mais habilidosas da história do comércio de antiguidades. É claro que ela estava na posse de um trunfo que mais ninguém detinha. Se exprimisse admiração por qualquer objeto, o protocolo exigia que este lhe fosse apresentado. A maior parte das famílias nobres escondia as suas preciosidades quando uma visita da realeza estava iminente.

— Eu já não irei muitas vezes ao Castelo de Rannoch, minha senhora — retorqui diplomaticamente. — Agora que a propriedade passou para as mãos do Hamish e ele está casado, aquela deixou de ser a minha casa.

— É uma verdadeira pena — comentou ela. — Mas certamente lhe farás uma visita quando vieres ficar connosco em Balmoral, este verão. Estás a contar vir a Balmoral, presumo.

— Obrigada, minha senhora. Será um prazer.

Como seria possível recusar? Quando se é convidado para ir a Balmoral, tinha-se de ir. Em cada verão, o tenebroso convite é feito a um ou outro dos membros da realeza. E, em cada verão, tentamos arranjar desculpas plausíveis que nos impeçam de comparecer. Estas vão desde passeios de iate pelo Mediterrâneo a visitas às colónias. Consta que havia sempre um elemento feminino da família a dar à luz durante a temporada em Balmoral, mas isso não passa de um exagero, na minha opinião. Para quem cresceu no Castelo de Rannoch, aquilo não era assim tão mau. O papel de parede em xadrez, as carpetes em xadrez, as gaitas de foles ao amanhecer e as rajadas de vento agreste que trespassam as janelas abertas só me faziam lembrar a minha casa. Contudo, havia quem achasse aquilo difícil de suportar.

— Nessa altura, podemos ir as duas a Glenrannoch. Sempre achei esse passeio encantador. — Ela conduziu-me para fora da zona das vitrinas, levando-me para junto de uma pequena mesa de chá. Não podia esquecer-me de escrever ao Binky a avisar que guardasse à chave as nossas melhores pratas e porcelanas nesse verão. — Na verdade, tenho uma forte suspeita de que o meu filho David decidiu convencer o teu irmão a convidar uma certa mulher a alojar-se no Castelo de Rannoch este verão. O David sabe perfeitamente que ela não é bem-vinda a Balmoral, e o Castelo de Rannoch fica a pouca distância, o que é bastante conveniente. — Ela tocou-me no braço e eu puxei uma cadeira para a ajudar a sentar-se. — E eu utilizo a palavra «mulher» intencionalmente, porque ela não é uma senhora, seguramente — confidenciou-me baixinho. — Uma aventureira americana, que já vai no segundo casamento. — Ela suspirou, enquanto se sentava. — Os motivos que o impedem de encontrar alguém compatível é algo que simplesmente escapa ao meu entendimento. O meu filho não vai para novo, e eu gostava de o ver assentar antes de ele ter de subir ao trono. Porque não pode ele casar com alguém como tu, por exemplo? Serias uma excelente candidata.

— Eu não me oporia a isso — afirmei. — Mas receio que ele continue a ver-me como uma menina. Ele aprecia mulheres mais velhas e sofisticadas.

— Ele gosta de galdérias que se empanturram com gulodices — declarou Sua Majestade, friamente. Ergueu o olhar brevemente quando as portas se abriram e um conjunto de bandejas fez a sua entrada na sala. — Ah, gulodices — repetiu ela, para o caso de o seu comentário ter chegado aos ouvidos das serviçais.

Um a um, os pratos foram sendo depositados na mesa. Pequenas sanduíches com folhinhas de agrião a espreitar nas pontas, suportes para bolos repletos de *éclair*s miniaturas e pequenas tartes de morango. Aquilo bastaria para levar às lágrimas quem tivesse estado a viver sob a austeridade da Fig durante o inverno, e, nos dois últimos dias, a contentar-se com torradas e feijão cozido. As lágrimas não eram de alegria, contudo. Eu já tinha participado em suficientes cerimónias reais na minha vida para conhecer o protocolo. O convidado apenas escolhe aquilo que Sua Majestade comer. E Sua Majestade não iria provavelmente tirar mais do que uma fatia ou duas de pão integral. Soltei um suspiro, esperei que ela pegasse no pão integral, e servi-me de uma fatia a seguir.

— Lembrei-me de que poderia usar os teus serviços como espia — afirmou ela, enquanto o chá era servido.

— Refere-se a este verão, no Castelo de Rannoch?

— Preciso de saber a verdade antes disso, Georgiana — sublinhou ela. — Até agora, só ouvi rumores. Quero um relato em primeira mão de alguém em quem possa confiar. Soube que o David convenceu o Lorde e a Lady Mountjoy a organizarem uma festa e um baile no mês de maio, e a incluírem esta mulher e o marido dela...

— O marido dela? — Eu sabia que ninguém devia interromper a rainha vez alguma. Não me consegui conter.

Ela assentiu com um ar indulgente.

— Um comportamento destes pode muito bem ser considerado aceitável na América. Ao que parece, ela ainda vive com

o marido. Ele, pobre criatura, é arrastado para todo o lado para dar um ar de respeitabilidade e dissipar os boatos. Obviamente, nunca é possível dissipar os boatos por completo. Tudo o que temos conseguido fazer é manter a imprensa calada, e, se o David começar a andar atrás dela de um modo mais afoito, julgo ser impossível abafar os rumores muito mais tempo. Eu disse que ele anda atrás dela, mas, a bem da verdade, acredito que é antes o inverso. Eu estou convicta de que esta mulher lhe move uma perseguição implacável. Sabes como ele é, Georgiana. Tem um coração inocente, e é fácil de adular, e fácil de seduzir. — Pousou a sua fatia de pão integral e inclinou-se um pouco mais para mim. — Eu preciso de saber a verdade, Georgiana. Preciso de saber se esta mulher se move apenas por um interesse de sedução, ou se tem intenções sérias em relação ao meu filho. Aquilo que eu mais receio é que ela, como todos os americanos, esteja fascinada com a realeza e o sonho de vir a ser a Rainha de Inglaterra.

— Com certeza que não, minha senhora. Uma mulher divorciada? Isso é impossível.

— Esperemos que seja impossível. A única solução é o rei continuar vivo até o David ficar demasiado velho e perder os seus atrativos. Todavia, eu temo que a saúde do meu marido esteja a fraquejar. Ele nunca foi o mesmo depois da Grande Guerra. A tensão foi demasiada para ele.

Acenei com a cabeça, fazendo um ar solidário.

— Disse que queria que fosse a sua espia?

— Exatamente. A festa em casa dos Mountjoys deve dar-te uma ampla oportunidade para observares essa mulher e o David juntos.

— Infelizmente, eu não fui convidada.

— Mas tu debutaste com a filha dos Mountjoys, não foi?

— Sim, minha senhora.

— Nesse caso, não há problema. Eu farei saber que tu estás em Londres neste momento e que gostarias de renovar a tua amizade com a filha dos Mountjoys. — Proferiu a palavra «filha» com

a pronúncia acentuada da classe alta britânica. — As pessoas não costumam rejeitar as minhas sugestões. E tu precisas de te integrar na sociedade se alguma vez quiseses arranjar um marido. — Lançou-me um olhar acutilante. — Então, diz-me, quais são os teus planos em Londres?

— Acabei de chegar, minha senhora. Ainda não decidi o que vou fazer.

— Isso não é nada bom. Com quem vais ficar?

— Neste momento, estou na Rannoch House — referi.

A sobranceira real elevou-se.

— Sozinha na casa de Londres? Sem acompanhante?

— Tenho mais de 21 anos, minha senhora. Já fui apresentada à sociedade.

Ela abanou a cabeça.

— No meu tempo, as jovens tinham *chaperon* até ao dia em que casavam. De outra forma, o futuro marido não podia ter a certeza sobre se estaria ou não... hã... a receber mercadoria em boas condições, por assim dizer. Não existe uma proposta no horizonte?

— Não existem propostas, minha senhora.

— Meu Deus. Não compreendo as razões. — Ela mirou-me com um olhar crítico, como se eu fosse um dos seus objetos de arte. — Não tens falta de atractivos, e pelo menos metade da tua linhagem é impecável. Consigo lembrar-me de vários jovens que seriam adequados. O rei Alexander da Jugoslávia tem um filho, não é? Não, talvez essa parte do mundo seja um pouco brutal e eslava demais. Então e a família real grega? Aquele rapazinho louro encantador? Porém, receio que ele seja demasiado jovem, mesmo para ti. É claro que temos sempre o jovem Siegfried, um dos Hohenzollern-Sigmaringens da Roménia. Ele é da minha família. Uma boa linhagem.

Ah, sim, o Siegfried. Ela não conseguia resistir a introduzi-lo na conversa. Eu tinha de rejeitar aquela ideia de uma vez por todas.

— Já me encontrei com o Príncipe Siegfried diversas vezes, minha senhora. Ele não pareceu muito interessado em mim.

Ela suspirou.

— Tudo isto era muito mais simples nos meus tempos. Um casamento era arranjado e nós seguíamos aquilo que estava estipulado. Inicialmente, eu era para ter desposado o irmão de Sua Majestade, o duque de Clarence, mas ele morreu de repente. Quando foi sugerido que, em vez disso, eu casasse com Sua Majestade, eu aceitei sem qualquer problema. Temos sido suficientemente felizes, sem dúvida, e, como todos sabemos, a tua bisavó adorava o Príncipe Alberto. Vou ver o que posso fazer.

— Estamos na década de 1930, minha senhora — arrisquei-me a dizer. — Tenho a certeza de que vou acabar por conhecer alguém, agora que estou a viver em Londres.

— É disso que eu tenho receio, Georgiana. O teu pai não era conhecido por fazer as escolhas mais sensatas, pois não? No entanto, eu não duvido de que tu irás casar um dia; espero que com alguém apropriado. Precisas de aprender a governar uma casa grande e a atuar como embaixatriz do teu país, e Deus sabe que não tiveste uma mãe para te dar as devidas diretrizes. Como está a tua mãe nestes dias? Costumas estar com ela?

— Por vezes, quando ela dá uma saltada a Londres — disse.

— E quem é a sua última conquista, posso saber? — Ela dirigiu um aceno de cabeça à criada que oferecia fatias de limão para o chá da China.

— Um industrial alemão, segundo a última informação que obtive — respondi —, mas isso já foi há um par de meses.

Apercebi-me de um brilho fugaz no olhar real. A minha parente austera podia ter um ar cerimonioso e intimidante, mas, lá no fundo, tinha realmente sentido de humor.

— Vou ocupar-me pessoalmente desse assunto, Georgiana — disse Sua Majestade. — Não é bom as jovens serem ociosas e andarem sem acompanhante. Existem muitas tentações na grande cidade. Eu adotava-te como uma das minhas damas de

companhia, mas já tenho o número suficiente neste momento. Deixa-me pensar. É possível que a Princesa Beatriz possa precisar de mais uma dama de companhia, embora ela já não saia tanto como era costume. Sim, essa era uma solução magnífica. Vou falar-lhe no assunto.

— A Princesa Beatriz, minha senhora? — A minha voz tremia ligeiramente.

— Já deves ter estado com ela. É a única filha sobrevivente da rainha-mãe. A tia do rei. A tua tia-avó, Georgiana. Ela tem uma casa encantadora no campo, e também uma outra em Londres, julgo eu, embora raramente venha à cidade.

O chá chegara ao fim. Eu estava dispensada. E condenada. Se não conseguisse arranjar alguma ocupação brilhante num futuro próximo, estava na iminência de me tornar a dama de companhia da única filha sobrevivente da Rainha Vitória, que raramente punha o pé fora de casa.



O seu nome completo é Lady Victoria Georgiana Charlotte Eugenie (Georgie para os amigos), filha do duque de Glen Garry e Rannoch. Em 34.º lugar na linha de sucessão ao trono, aprendeu pouquíssimas coisas úteis na vida, entre as quais como fazer uma vénia perfeita. E está completamente falida.

Quando o irmão lhe corta o rendimento e a tenta convencer a casar com um príncipe romeno «com cara de peixe», Georgie vê-se forçada a abandonar a Escócia e a fugir para Londres, onde:

- 1) trabalha ao balcão de uma loja de cosméticos, para de lá ser despedida cinco horas depois;
- 2) se apaixona por um muito inapropriado membro menor da realeza (tão falido quanto ela);
- 3) arranja algum dinheiro como empregada doméstica (incógnita, claro);
- 4) finalmente, é convocada pela Rainha de Inglaterra para ser espia do seu filho mais velho, o príncipe de Gales.

Como se não bastasse tudo isto, o francês arrogante que reivindicara a posse da propriedade ancestral da família de Georgie aparece morto na sua banheira. Agora, o trabalho mais importante que tem pela frente é tentar limpar o comprido nome de família.



«Uma heroína cativante, personagens peculiares e muita diversão. Os disparates e loucuras de Georgie deixarão o leitor ansioso pelo próximo livro da série.»



Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Policial

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896238490



9 789896 238490 >